ALFÂNDEGA DE LISBOA



O EDIFÍCIO

Apontamentos históricos

O CONTEXTO | Terramoto de 1755

(...) o terramoto de Lisboa tinha acontecido a 1 de Novembro de 1755 (pelas 9h40), do qual resultou a destruição quase completa da cidade de Lisboa, especialmente na Zona da Baixa (...)

De um ponto de vista social e económico, Lisboa era o maior centro populacional de Portugal e a destruição de grande parte da cidade teve um impacto enorme na distribuição dos bens de primeira necessidade, na formação dos preços e no abastecimento público. *

Celeiro Público de Lisboa

Numa tentativa de minimizar o impacto destes fatores no abastecimento, veio a ser concretizado, por Alvará Real, em 2 de janeiro de 1765, um plano que cria o Terreiro Público (área para abastecimento da população na Ribeira de Lisboa). (...) **também conhecido por "Celeiro Público de Lisboa". ***

Terreiro do Trigo
Alfândega de Lisboa | O edifício

CELEIRO PÚBLICO: MERCADO REGULADOR

E ALFÂNDEGA DO TERREIRO DO TRIGO/TERREIRO PÚBLICO (1766)



Edifício da Alfândega de Lisboa
(Fotografia de 1906)

© Arquivo AT- NUCLEO MUSEOLÓGICO ADUANEIRO
CEF| Divisão de Documentação

O EDIFÍCIO

Anteriormente a este edifício, existia um antigo terreiro manuelino, conhecido por "Aconchego do Pão.

O Tejo banhava o edifício e os barcos acostavam mesmo junto ao edifício, no Cais do Terreiro do Trigo.

O Senado funcionou aqui e também a Alfândega do Terreiro do Trigo (ou Terreiro Público) destinada a cereais e farinhas, além da Alfândega Municipal e do Consumo. **

O EDIFÍCIO

Neste edifício esteve a então chamada Guarda-fiscal, onde viviam guardas e suas famílias, até ao século XX quando, a partir de 1940, passa a ser a sede da Alfândega de Lisboa. **

Posteriormente alojou a Direcção-Geral das Alfandegas e Impostos Especiais sobre o Consumo (DGAIEC), até à sua Integração na Autoridade Tributária e Aduaneira.

Actualmente estão instalados no edifício a Unidade dos Grandes Contribuintes(UGC) e a Direção de Serviços Técnicos, Análises e Laboratório (DSTAL).

RÉS-DO-CHÃO

Com "claustro" semelhante às fortalezas portugueses, não tendo divisórias, era pois todo aberto, nas suas arcarias, com excepção de um "transepto", uma cruz, fazendo do edifício um desenho em H, encimado por um lanternim (que já não existe), em tudo semelhante ao actual do edifício sede do Município de Lisboa. **

TELHADO

O telhado era nos dois corpos do edifício, norte e sul, sem cobertura ao meio (exceptuando, como se disse, o "transepto" ao centro, onde jogam as escadas, como que cosidas ao dito transepto). **

TELHADO

JANELAS

Não existiam, portanto, nem o tecto do rés-do-chão ao meio, nem a cobertura central que actualmente une os telhados dos 2 corpos, longitudinalmente.

Existia, certamente, no último piso, uma espécie de balaustrada, além de dois passadiços nos topos.

Quanto a janelas, não as havia no interior, nem no último piso (segundo andar), nem no piso intermédio (primeiro andar), apenas algumas janelas olhavam para o exterior (nas fachadas). **

SECA DO CEREAL

Fazia-se nas paredes sul, em cada corpo (corpo norte e sul, mas sempre nas paredes sul, respectivamente), porque é onde bate o sol e onde mais tempo o mesmo sol perdura virando ao poente.

Para suster o esforço da implosão do cereal, mas agora contra a parede sul do corpo norte, existem belíssimos arcos. **

LOJAS

ZORRAS

Funcionavam lojas no rés-do-chão nos corredores laterais, também para venda ao público, com um preço administrativo.

O público entrava pelos grandes portões, um no lado nascente e outro no lado poente, com os seus carros de transporte puxados por animais de tiro.

Era por buracos no tecto que era lançado o cereal para as lojas do rés-do-chão.

No pavimento temos os carris por onde deslizavam os carros de madeira ("zorras") com cereal, quando transportados de um lado para o outro, para as lojas. **

ESCADAS

Por onde subiam os carregadores com os sacos de cereal (trigo).

Uma parte do cereal subia para o piso de cima do corpo sul do edifício e uma outra parte seguia para o lado norte para o piso de cima do corpo norte do edifício.

Mas o cereal era sempre colocado do lado sul, quer num quer noutro corpo do edifício.

**

SIMETRIA

Aliás, o edifício é simétrico, volumetria paralelepipédica, de grande rigidez na concepção do desenho, exceptuando a Sala do Senado e algumas outras salas suas vizinhas.

Mas estas escadas escondem um mistério.

Existem também *(existem, digo bem, pois ainda estão lá escondidas),* ***igualmente em pedra, no lado sul do edifício, até ao cimo e chegavam ao hall da actual Biblioteca (o que não acontece hoje).*** **

HALL

SALÃO NOBRE

Este hall terá sido modificado, com os salões de cima, e o Salão Nobre (antiga Sala do Senado), para maior conforto, assoalhado portanto, sendo os degraus da entrada, em pedra, os que foram tirados do piso imediatamente em baixo, os 3 degraus que faltam para que exista, como existia, uma simetria perfeita nas escadas de todo o edifício (hoje, são 4 degraus). *

SALÃO NOBRE

De admirar o barroco de estuques do Salão Nobre e o neo-clássico de uma das salas principais.

Podemos apreciar vários elementos iconográficos cheios de simbolismo, entre os quais, caras de deusas com toucados de espigas, máscaras, triângulo com olho, esquadro do arquitecto do mundo, balança, livro, arranjos florais com espigas, além do braço humano (o "trabalho humano") entrecruzado com o braço divino e pão de trigo eucarístico. *

SALÃO NOBRE



© Arquivo AT- NUCLEO MUSEOLÓGICO ADUANEIRO
CEF/Divisão de Documentação/ António Santos

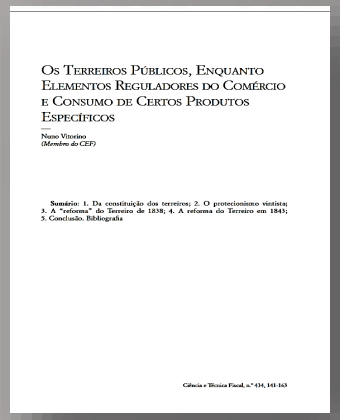
Terreiro do Trigo | Alfândega de Lisboa | O edifício

SALÃO NOBRE



© Arquivo AT- NUCLEO MUSEOLÓGICO ADUANEIRO
CEF/Divisão de Documentação/ António Santos

Excertos dos artigos:


Os Terreiros Públicos, Enquanto Elementos Reguladores do Comércio e Consumo de Certos Produtos Específicos

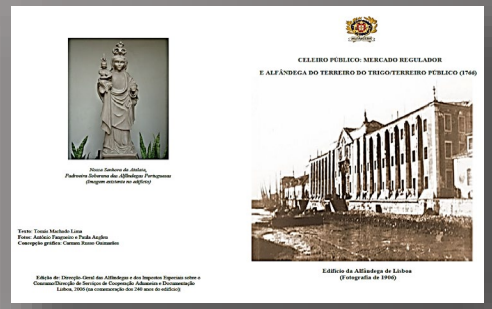
Nuno Vitorino
(Membro do CEF)

Sumário: 1. Da constituição dos terreiros; 2. O proteccionismo vintista; 3. A "reforma" do Terreiro de 1838; 4. A reforma do Terreiro em 1843; 5. Conclusão. Bibliografia

Ciência e Técnica Fiscal, n.º 434, 141-163

* "Os Terreiros Públicos, Enquanto Elemento s Reguladores do Comércio e Consumo de Certos Produtos Específicos" Nuno Vitorino

Ciência e Técnica Fiscal nº434, pp141-163 Jan-Dez 2015, Edição: Centro de Estudos Fiscais e Aduaneiros/AT (CEF)


CELEIRO PÚBLICO: MERCADO REGULADOR E ALFÂNDEGA DO TERREIRO DO TRIGO/TERREIRO PÚBLICO (1766)

Nossa Senhora da Atalaia, Padroeira Soberana das Alfândegas Portuguesas (imagem existente no edifício)

Texto: Tomás Machado Lima
Fotos: António Fragoso e Paula Anglim
Concepção gráfica: Carmen Russo Guimarães

Edição da: Direcção-Geral das Alfândegas e dos Impostos Especiais sobre o Consumo/Direcção de Serviços de Cooperação Aduaneira e Documentação
Lisboa, 2006 (na comemoração dos 240 anos do edifício)

Edifício da Alfândega de Lisboa
(Fotografia de 1906)

** "Celeiro público: mercado regulador e alfândega do Terreiro do Trigo/Terreiro Público (1766)" Tomás Machado Lima

Edição: Direcção-Geral das Alfândegas e dos Impostos Especiais sobre o Consumo |(DGAIEC), Lisboa, 2006 (na comemoração dos 240 anos do edifício)

Clique nas imagens para ler os artigos

APÓS A LEITURA FECHE O PDF
clicando ESC (se estiver no modo Tela Cheia) e em X, no canto superior direito

prosseguir para



CELEIRO PÚBLICO
ALFÂNDEGA do TERREIRO DO TRIGO

A FAINA DO TRIGO

clique na imagem